

REFLEXÕES SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

*Osmar Ossi Gobatto **

Resumo:

O marxismo no seu conceito filosófico da história é determinista, e não possibilita que o processo histórico tenha tendências, não sendo possível relacioná-lo ao imaginário e ao simbólico. Por outro lado, Weber abriu caminhos demonstrando que as teorias das ciências sociais não são permanentes, e que a racionalização e a intelectualidade contribuíram para o desencanto do mundo, sendo que, a ciência e a técnica forçaram o homem a não aceitar os valores do espírito, do sagrado e do imaginário. Mesmo assim, a racionalização não conseguiu destruir a importância do irracional, ao contrário, aumentou a sua força. Dessa forma, a intuição não pode ser científica porque está condicionada ao imprevisível, ou seja, ao irracional. A sociologia compreensiva weberiana abriu perspectivas para que a sociologia interagisse com outras ciências, e que o sentido subjetivo de valores dependem de nossos desejos, sentimentos e conflitos existentes na racionalidade. Quanto mais as ciências sociais avançam, mais dúvidas surgem, assim, todo o conjunto conceitual e teórico da atualidade fundamentado no racionalismo e determinismo entrou em crise. A compatibilização atual é entre o imaginário/simbólico e o lógico/racional, existindo uma reciprocidade entre o concreto e o abstrato, relacionando-os e possibilitando a formação de um conhecimento da própria realidade.

Palavras-chave:

Ciência, determinista, imaginário, irracional, lógico, marxismo, racional, simbólico e weberiano.

O materialismo dialético pode ser considerado como concepção filosófica marxista inspirada na dialética hegeliana, cuja origem está condicionada a um sentido ideal e relacionada a uma forma de apreensão voltada ao economicismo. É contrário ao movimento mecanicista da história, aplicando um sentido intercessor entre a causa e efeito, demonstrando, igualmente, que as contradições internas constituem sua transformação.

Em relação ao conhecimento, o materialismo dialético justifica que o ser está acima de sua consciência, apontando que o sentido ontológico concreto sobrepõe-se à consciência, mostrando que as categorias econômicas é que infundem a ligação prática do homem ao significado do seu objetivo. Sobre o materialismo dialético,

* Mestrando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência e Letras da UNESP - Araraquara/SP. Professor do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNIARA.

Marx (1985, p.20), no prefácio da segunda edição do *Capital*, afirma: “Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas também da sua antítese direta. Para Hegel, o processo do pensamento que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem”.

O materialismo dialético, quando empregado sobre os seres humanos, forma o materialismo-histórico, sendo que o seu ponto fundamental é aquele que diz que o ser social determina a consciência social e resulta na atividade material por intermédio do trabalho, que vem a ser o arcabouço da organização social.

A filosofia marxista da história é determinista e não possibilita que os acontecimentos históricos possam ter tendências. Assim, a história não produz teorias e conceitos definitivos, mas permite o seu continuísmo de realização e transformação dentro do seu contexto.

Apesar de toda importância e influência que o materialismo histórico exerceu sobre as ciências sociais, é difícil encontrar uma justificativa conceitual para relacioná-la a uma explicação, a partir do imaginário e do simbólico de uma realidade histórica. Na análise de um processo histórico, o imaginário está ligado ao entendimento e à compreensão da cultura e da experiência humana. No entanto, o marxismo como ideologia, na afirmação de Castoriadis (1982), é “um conjunto de idéias que se refere a uma realidade não para esclarecê-la e transformá-la, mas para encobri-la e justificá-la no imaginário”.

Em relação a Weber, o seu grande mérito, quanto à sua teoria sociológica, é verificar que não há possibilidade de abranger todo o conhecimento numa verdade universal e permanente. Assim, é possível, através da intuição, aplicar infinitas variáveis para se ter uma compreensão de uma realidade empírica. Outra grande contribuição weberiana é aquela de se estabelecer a posição da ciência voltada para a ação, onde o homem encontra o melhor caminho para compreender o seu objetivo. A ação e o conhecimento desenvolvidos pelo homem nunca são plenamente realizados, porque é necessário elaborar novas formas de ação e novos conhecimentos.

O pensamento weberiano, dessa forma, é contrário a qualquer tipo de sistema, porque, a partir do momento em que define suas teorias e conceitos, passa a ter certeza de que construiu conhecimentos científicos definitivos, no entanto: “No domínio da ciência, ao contrário, cada um sabe que sua obra terá envelhecido daqui a dez, vinte ou cinquenta anos... É que toda obra científica “concluída” não tem outro sentido, a não ser o de fazer surgirem novas perguntas: ela pede, pois, para ser “ultrapassada”, e para envelhecer. Quem quer servir à ciência deve conformar-se com esta sorte” (Weber, 1970, p.214).

Dessa maneira, para ele, não se deve ter nenhuma teoria preconcebida e nem formular conclusão apriorística. Todo conhecimento científico deve ser analisado com profundidade, no intuito de se ter uma avaliação segura e de acordo com suas

possibilidades de entendimento.

Mesmo com toda a sua racionalidade, o homem tem a convicção de que nada é permanente e de que não pode estar separado de sua insegurança e incerteza, centro de sua reflexão, porque, a cada momento ou época, a realidade se transforma, conduzindo a novas formas de atitudes e conhecimentos científicos que podem ser aceitos ou rejeitados.

A ênfase na racionalidade e na intelectualização contribuiu para o desencanto do mundo. Segundo Weber, a ciência e técnica forçaram o homem a não aceitar mais os valores do espírito, da magia, do sagrado e do imaginário. Assim, a racionalização, com todo o seu desenvolvimento, não conseguiu destruir a importância do irracional: "Ao contrário, com a racionalização crescente, o irracional se reforça com intensidade" (Freund, 1970, p.71).

Na sua concepção, Weber afirma que o conhecimento não tem condições de se afigurar como reprodução do real, pois o real é "infinito e inesgotável" e que seria impossível alcançar a adoção de qualquer método, porque comportaria uma qualificação infinita de soluções da realidade. Desse modo, a intuição não pode ser considerada como conhecimento científico, porque ela pertence ao domínio do sentimento e está condicionada ao imprevisível, ou seja, ao irracional. Dentro da irracionalidade, todos os valores dependem de uma avaliação, estão condicionados a nossa percepção e ao desejo, onde o conhecimento não existe.

Todos os valores que são ressaltados numa análise científica têm seus significados que devem ser interpretados com a finalidade de esclarecer quais os seus fundamentos. Todo tipo de conhecimento deve ser testado e experimentado, tendo em vista o relacionamento que se entrelaçam aos valores pesquisados. Dessa forma, é possível desprezar aquilo que não se coaduna com os objetivos interpretados.

Na opinião de Weber, é válido lançar mão de leis gerais e mesmo da compreensão do indivíduo no direcionamento da pesquisa científica, tentando captar a realidade nas suas mais variadas formas possíveis. A sociologia pode utilizar quaisquer meios de análise que possibilitam aumentar o conhecimento científico.

A sociologia compreensiva de Weber é a tendência de mostrar que a sociologia, às vezes, não tem condições de esclarecer e interpretar todos os aspectos de uma realidade social, mas contribui para o alargamento conceitual da sociologia tradicional.

Qualquer sociedade é formada por uma série de relacionamentos, de contribuições, de conflitos e de sentimentos que se manifestam e interagem dentro das mais variadas esferas: sociais, políticas, econômicas ou religiosas. Assim, para Weber, todas as ciências devem ter interações entre si, porque, na verdade, é a compreensão que capacita a apreensão do sentido de uma ação ou atividade: "Entendemos por atividade um comportamento humano (pouco importa que se trate de um exterior ou interior, de uma omissão ou de uma tolerância) sempre que um agente ou os agentes lhe comunicam um sentido subjetivo. Por atividade social entendemos o que, segundo o sentido visado, o agente ou os agentes relacionam com

o comportamento de outrem para orientar, em consequência, seu desenvolvimento” (Freund, 1970, p.80).

O importante que se percebe na sociologia de Weber é que ela representa um ponto importante dentro da interpretação do conhecimento científico. Isso porque ela coloca em evidência o sentido subjetivo, além de apresentar a compreensão do conhecimento causal de uma atividade. Para Weber, a ciência não pode desenvolver critérios para uma ação prática, mas propor condições para uma análise que tenha possibilidades de conseguir alcançar o objetivo, pois: “Em suma, uma ciência empírica não está apta a ensinar a ninguém aquilo que “deve”, mas sim, apenas que “pode” e — em certas circunstâncias — aquilo que “quer fazer” (Cohn, 1991, p.21).

Quando Weber declarou que a racionalidade e a técnica desencantaram o mundo, por outro lado, ele abriu caminhos e perspectivas para que a sociologia tivesse condições de se interagir com outras ciências, possibilitando uma multidisciplinaridade e, também, uma avaliação compreensiva do sentido subjetivo de valores que dependem de nossos desejos, sentimentos e conflitos existentes na racionalidade.

Não é somente na sociedade atual que encontramos uma diversificação de culturas, de antagonismos e de comportamentos, mas também nas atitudes individuais, colocando-os em confronto com seus semelhantes, produzindo diferentes personalidades. Na realidade, tudo isso pode revelar a identidade humana dentro de cada indivíduo.

Esse ser complexo, desamparado, e, às vezes, desestruturado na sua existência procura em certas teorias do conhecimento alternativas que o conduzam a alguma segurança. Mas, pelo que se observa, os novos conhecimentos científicos produzem novas inseguranças e, quanto mais se desenvolvem as ciências, mais dúvidas se formam na identidade do homem.

Todo o conjunto conceitual e teórico científico da atualidade que está fundamentado no racionalismo e no determinismo entrou em crise, e a tendência foi uma compatibilização entre o imaginário/simbólico e o lógico/racional, a fim de que os conceitos pudessem ser aplicados na interpretação da realidade, pois: “A nossa razão, que nos parecia o mais seguro meio do conhecimento, descobre nela uma mancha negra” (Morin, 1991, p.13).

Na busca da verdade, o ser humano se defronta com a incompreensão do conhecimento que se revela num amontoado de interrogações as quais nos conduzem à própria ignorância do conhecimento.

Para Morin, o conhecimento é um “fenômeno multidimensional” que se relaciona e se antagoniza com toda uma série de categorias incorporadas na cognição humana, produzindo fraturas e que induzem a formação do conhecimento.

O conhecimento e a ciência estão em crise; nem o empirismo e a lógica constituem bases para o conhecimento, chega-se então: “à descoberta de que não há nenhum fundamento certo para o conhecimento e que este comporta sombras, zonas

cegas, buracos negros” (Morin, 1991, p.19).

Se o conhecimento está em crise, então se abre a possibilidade para o conhecimento do conhecimento, cuja origem se remete à filosofia de Kant e que, atualmente, pode e deve ter um sentido científico, além de possibilitar seu caráter filosófico. Nota-se, também, que a filosofia e a ciência não possuem condições para compreender o conhecimento, e que a solução não é produzir uma “metafilosofia”, mas propiciar um método no sentido de superar as dificuldades entre a ciência e a filosofia.

Para Morin, a racionalidade deve se valer da analogia, porque assim será possível a constituição de modelos e formas, desde que possam ser testadas através da dedução e do empirismo. Dessa maneira, existe uma reciprocidade entre o concreto e o abstrato, relacionando-os e possibilitando a formação de um conhecimento da própria experiência.

Quando se evidencia o significado da compreensão na análise de uma realidade, verificamos que podemos inseri-la como participante do conhecimento em geral, onde a subjetividade e afetividade assumem posições que se tornam indispensáveis, a fim de que o conhecimento possa se fundamentar através da compreensão.

Por sua vez, a explicação de um sintoma com objetividade e racionalidade se relaciona com a compreensão e se completa, pois: “A compreensão e a explicação são ao mesmo tempo contidas uma na outra, opostas e complementares (yin-yang). Vê-las-emos em ação nos dois grandes sistemas do pensamento, que também saíram da mesma fonte, contidos um no outro, opostos e complementares: o pensamento simbólico/mitológico/mágico e o pensamento empírico/lógico/racional” (Morin, 1991, p.143).

É possível a verificação de que existe uma diferença entre estes dois modelos de sistema do conhecimento, mas também se constata que ambos se complementam através de uma rede intrincada de situações sem deturparem suas finalidades.

Mesmo com todo o avanço que a ciência e a técnica tiveram nos últimos tempos, não foi possível a extinção, ou mesmo, a redução da influência mítica, simbólica ou religiosa das atividades do ser humano. O que se verifica é que essas manifestações estão impregnadas na racionalidade e no conhecimento científico, ou seja, é uma situação “antropossocial fundamental” na afirmação de Morin. Os conhecimentos míticos e simbólicos estão também em interação, e, em complementaridade, um dependendo do outro.

O conhecimento racional/empírico/técnico está fundamentado numa realidade objetivo, ao passo que o conhecimento simbólico/mitológico/mágico está voltado para o subjetivo, mas compreensivamente é possível uma superação e comunicação entre ambos, interagindo e complementando os seus aspectos opostos porque: “Temos uma necessidade imperiosa da correção empírica/lógica/racional sobre todas as atividades mentais, mas, também, temos uma necessidade vital do tecido imaginário/simbólico que co-tece a nossa realidade

e de que são feitos os mitos: "We such stuff as dreams are made". O pensamento racional precisa do seu duplo" (Morin, 1991, p.164-5).

Abstract:

The Marxism in its philosophy conception by history is determined, and don't possibility that the history process have been tendencies, it's not being possible to associate at imaginary and symbolic. In other size, Weber maked the way, showing us that the theory by the social science don't be permanence, and which rationalization and intellectuality contributed for a desilution world, however, science and tecnic compeled the man to not accept the value spirits by the sacret and imaginary . Nevertheless, the rationalization couldn't destroy the rational importance, instead of, increased your power. In this case, the intuition can't be scientific because it be conditioned by the imprevisible, in others words, the irrational . The Comprehensible Weberian sociology opened perspectives by sociology procced by others sciences, and that the subjective feeling about values depends of our desires , feelings and conflits exists in rationality .As more as the science avanced, more hesitation appears, this, all the concept and theory social collection by atualitty based in racinonalism and determinism came in crisis, the compatilization actual is between the imaginary/symbolic and logic/rational, living a reciprocity among the concret and abstract, to relacioning them by the formation.

Keywords:

Science, determinism, imaginary, irrational, logic, marxism, rational, symbolic and weberian.

Referências bibliográficas:

- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.
- MARX, Karl. **Introdução à crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, v. I, 1985.
- MORIN, E. **O método**. Publicações Europa-América. Portugal, v. III e IV, 1991.
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Maurício Tragtenberg (org.). São Paulo: Cortez, 1993.
- COHN, Gabriel (org.). **Weber**. São Paulo: Ática, v.13, 1991.(coleção grandes cientistas sociais)